



# A guerra no ar

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Pelxoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDICÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno, 2\$400.  
Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.  
Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador  
acresce o importe das despesas.

*Extranjeiro* — Um anno, 3\$000.

**Numero avulso, 60 reis**

**Numero 161**

Braga, 29 de julho de 1916

**Anno IV**

# Ornamentos da Casa Estrella

Offiçinas d'Esculptura e Talha Religiosa, em madeira, marfime massa

Fundada em 1874



*Pecum*  
o nosso  
catálogo  
illustrado  
com 143  
gravuras,  
que se  
envia  
gratis.

— **PORTO** —

Rua do Bom Jardim,

— 85 a 89 —

Rua de Santo Antonio

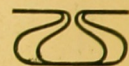
— 99 a 68 —



Aos nossos  
trabalhos  
foram  
concedidos  
os mais  
altos pre-  
mios nas  
Exposi-  
ções In-  
dustriales  
Portugue-  
zas de 1887  
e 1897.

— **GUARDA** —

Representante  
depositarlo  
CASA SUCENA  
Rua Hellodoro Salgado



Specimen d'uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiças, jarras, ramos, custodias, relicarios, calices, pyxides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carrilhões de campainhas, thuribulos e navetas, cruces processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestos do Culto Divino.

**A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas con-  
generes no estrangeiro, e a que mais egrejas fornece no Conti-  
nente, Ilhas, Brazil, etc . . .**



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario. Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 29 de julho de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 161—Anno IV



O herdeiro presumptivo da Allemanha, contra o qual ha dias um soldado allemão disparou tiros de revolver

# CHRONICA DA SEMANA

Factos...

**O**lhe, meu amigo, quér saber como eu penso? Ouça: se Deus fizesse um anjo presidente da Republica e o diabo rei, apesar dos meus reconhecidos sentimentos religiosos... é provavel que fosse com o diabo.

— Ora essa!...

— Ouça mais ainda. Se me déssem a escolher entre o Antonio José d'Almeida e o Affonso Costa, preferiria o Affonso; e se me dessem a escolher entre o Affonso Costa e o diabo, ia com o diabo...

Estas declarações absolutamente authenticas, fê-las ha dias a um amigo meu um monarchico intransigente. Ha muito de *blague* dentro d'ellas, sobretudo na forma porque foram emittidas? Sem duvida. Mas reproduzem um estado de espirito que já hoje não é possivel negar como um *facto*, como um aspecto da vida portugueza. Pensa-se assim n'estes momentos de crise. Continua predominante sobre a questão patriotica a questão partidaria que nenhuma realidade pungente, nenhum solavanco moral, nenhuma dificuldade material é capaz de destruir, como por vezes os cylindros mais pesados não conseguem triturar no leito pulverulento das estradas os mais rijos calhâus. A pressão é enorm, emas inefficaz. O instrumento nivelador é obrigado a saltar por cima do obstaculo que alli fica no meio do caminho a deter o transito dos mais rápidos vehiculos...

E vá-se de terra em terra perguntar a republicanos e a realistas se abdicâram das suas intransigencias, se alguma hora a ideia da patria lhes atravessou o laborar incandescente do cerebro, e voltar-se-ha desenganado e vencido pela realidade das coisas, a triste contra-prova dos sonhos que alúe os mais bem fundados planos e traz á curva dos labios a palavra fatal que subjuga:—E' impossivel! Este paiz continúa sendo o aggregado de 6 milhões de egoísmos que a politicancia dos traficantes acicata, como dizia Ramalho, e a sua vida, a miserrima vida dos burgos d'intrigalhada roaz e velhaquissima onde a malta dos chatins vae rapinando calculada, friamente, o valor do espolio d'uma raça em liquidação já muito proxima. A grande, a enorme força da vida portugueza! Como ella me atiraria para a defenitiva conclusão das desesperanças, se eu não tivesse saccado da leitura da historia que isto é um povo de borracha, com uma elasticidade indesgastavel, aquelle povo de sete fôlegos e mais um, como disse com razão um jornalista, se eu não tirasse da minha crença una de portuguez catholico a fé em que Deus sempre nos deu a mão quando aos safanões da desgraça ou aos empuxões frenéticos da loucura vamos descendo ou rolando emboldriados de vergonhas pelas escarpas, para o paludoso charco dos fins-de-patria mais soturnos!

Pois que julgam? Estas visões põem calafrios. Mas que remédio senão fital'as assim, como eu as fito, d'alto e de frente? Ser optimista nas horas mais das doenças que matam, é sêr estúpido. Pois que julgam? Ouçam, escutem esse berreiro infernal que por ahi atordôa e apavora: os radicaes a comprar automoveis e a gritar que ha conspirantes; os realistas a protestar que não ha tal, ninguem conspira; a imprensa a espumar, a espumar o visco azulejado dos odios ferverescentes; o capital vampirisando as veias dessangradas do povinho que todos os dias á porta das esquadras entôa dissonante o alarido da fome; os grupelhos aos humbraes das tabacarias grulhando maledicencias: o delirio pagão das modas a preços fabulosos; a chusma que sem vintem para comer invade os *balls* p'ra ouvir concertos; a manifesta indisciplina de todos;— ouçam, escutem esse berreiro infernal que por ahi atordôa e apavora. E digam-me depois se não é lógico, muito lógico até que, em complemento, os *grupos de defeza* tentem agora mesmo a *reprise* dos assaltos a cavallo-marinho e á pistolla contra os *traidores*; tal qual fizeram ha quatro e ha cinco annos! que n'um paiz belligerante se transforme em paradas d'espectaculo um exercicio militar de duas divisões, e que a elle venham assistir uma missão hespanhola! que o *Temps* diga que é p'ra desejar que nem sequer appareçamos nos campos de batalha ao lado dos nossos alliados por cuja causa se fez a requisição dos barcos allemães! que continua por essas villas e aldeias a expoliação dos bens religiosos e vá uma turba de demagogos revolver cadaveres aos cemiterios em nome do livre pensamento! que n'esta hora terrivel para o futuro do paiz, o caso dominante seja o ridiculo e porventura falso boato d'uma tarefa dada em Paris por um Ribadeneyra no sr. Affonso Costa, ou o outro de que a respeito d'emprestimo, o

ministro das finanças não arranhou nem um pataco porque a taxa do desconto subiu na Inglaterra a 6 por cento! Lembrar a Pátria? Para quê?

Pois não é logico, muito logico afinal tudo isto, se a descultura dos espiritos é campo aberto aos facciosismos das incompetencias campando de genios?

Iniciado um plebiscito, eu bem sei que muito poucos deixariam de concordar comigo. Mas tambem é certissimo que horas depois, cada qual para o seu nucleo de asseclas repetiria o raciocinio do tal intransigente:

—Se me dessem a escolher entre o Antonio José... Do que no fim de contas eu infiro que não vale a pena perder tempo, nem muito menos discriminar o são do pôdre.

Ao ouvir-me este commentario, porém, ainda o intransigente tornaria, esbugalhando nos olhos um ar de honesto:

—Mas repare: eu não mudei. Se Deus fizesse um anjo...

E eu ficaria elucidado. Os anjos são rarissimos, e os parvos em trez vidas, numerosos...

F. V.

---

# Vida intensa

---

POR J. DE FARIA MACHADO.

Ao sol

**N**a lomba fragueira d'aquella erguida serrania minhota, vive ha seculos a tradicção ingenua d'uma piedosa e commovida lenda. A meia encosta, n'um estreito balcão de fragas, onde a subida parece descançar, toda abrigada na sombra religiosa e discreta dos velhos castanhaes, estende-se um macisso de roseiras, alegres, florindo, no vermelho desmaiado das suas rosas de todo o anno. Na primavera, no inverno aos rigores da tempestade, aos frios das neves, no verão, ao bafo canicular dos soes abraçadores, sempre as velhas roseiras floridas cantam n'aquelle selvatico jardim, o esplendor epico da primavera eterna e entrelaçadas, enramadas, jungidas, abraçam-se aos velhos castanheiros, enleiam-se nos seus troncos, sobem ousadas, até aos braços da ramaria, como as creanças estouvadas, felizes, trepam, chalrando, aos hombros do avô. É o povo respeita-as, venera-as constricto, como expressão commovida d'um alto milagre e não se atreve a arranca-las aos encantos d'aquelle extranho e mysterioso jardim.

Nenhuma d'aquellas rosas alegrou até hoje, á vestia domingueira d'algun *Manel* enamorado, nem ás orelhas das banzas, concorreu a malhada e requestas. Rosas do Monte, que Nossa Senhora das Rosas ampara e cuida, pertencem ao manto onde nasceram, affirma o povo na sua crença e na sua fé. Mas porque inexplicavel, sobrenatural rasão, viriam a florir n'aquella escarpa dura, de urze e fragoes, as rosas vermelhas de todo o anno?

É que ha muitos seculos a uma pobre pastorinha abandonada, Nossa Senhora fizera tamanha e semelhante mercê. Vivia a pequenita toda entregue aos cuidados da avó e ao pascer de seus rebanhos, quando a fome assolou aquella aldeia. Fôra dura a primavera: cruel de neves e de chuvas, tempestuosa, fria, e por mais que moirejassem nas lavras, a colheita fôra minguada. A fome afugentara os homens, empurrara-os para a emigração, dizimara os gados e enchera a aldeia de miseria, de lucto. Cada um voltou-se a uma improvisada aptidão, e a pequena, morto o rebanho, ia arrançando o magro pão, colhendo pelo monte as flôres singellas do bravio, que enramilhetadas por suas pequeninas mãos, vendia na feira semanal. Mas o verão foi correndo, veio o outomno, as flôres iam murchando nos montes e a pobre desgraçada via desaparecer dia a dia, o seu jardim com a tristeza de quem vê desaparecer o ultimo recurso. Cada dia menos flôres, cada feira menos pão! Espaço as suas visitas aos montes mas nos dias em que subia a encosta cançava-se já em longas caminhadas quasi sem encontrar uma flôr.

N'aquella tarde a pequenita andava por toda a montanha, sem nada encontrar e ha dois longos dias que não havia pão na sua casa distante!

Approximava-se a noite. Cançada, entristecida, resolveu voltar, mas pesava-lhe entrar em casa — aba vasia de flores, mãos vasias de pão. Chorou, chorou de desespero e de tristeza, e por entre o commovido das lagrimas ergueu uma oração a Nossa Senhora sua madrinha, o cansaço, a dôr venceram-na rapido e a pobre creança cahiu adormecida.

Ao despertar, encontrou-se cercada de rosas vermelhas, que o fragão pedregoso se transformara em jardim e n'uma nuvem d'ouro viu, — semeando rosas pelo monte, rosas, vermelhas que ao cahir, se transformavam em roseiras — Nossa Senhora, a mesma da sua aldeia, abençoando-a, sorrindo-lhe . . . E nunca mais as rosas faltaram á pequenita nem o altar da Virgem na caiada igreja longinqua, deixara de ter rosas, muitas rosas vermelhas, como aquellas rosas vermelhas do milagre, que Nossa Senhora semeára no monte n'aquelle inverno frio . . .

E o povo logo chamou á Virgem Nossa Senhora das Rosas, como a perpetuar aquelle lance encantador e sublime que hoje as tradições ainda relembram nas seroadas romanticas na lettra ingenua e commovida das velhas canções.

---

## Padre Antonio Vieira

---

POR JOSÉ AGOSTINHO.

**M**as Vieira nem uma só vez se queixou d'aquellas hostilidades mesquinhas. Estava habituado a ser deprimido pelos pygmeus que, contudo pontificavam impunemente de consagrados. Decerto se compadecia no intimo d'aquelles pobres homens que, celebres emquanto viviam, empolgando todas as fontes da nomeada e da fortuna, seriam, poucos annos volvidos, nomes sem significado, apenas pasmo dos vindouros pelo absurdo de se terem imposto como grandes a uma geração inteira.

Ha muito o mordiscavam, como cabotino refece—áquelle homem de genio! Zombavam da sua fecundidade e originalidade, chegavam mesmo á infamia de o pretenderem fazer passar por um mytho, pela designação pseudonyma d'um grupo de pensadores e escriptores.

Fortificados pela sincera modestia do gigante, tambem já n'esse tempo conheciam a vulgar conspiração do silencio, pois a tramaram em torno do seu nome, ficando satanicamente jubilosos porém, com a sua ausencia no Maranhão, por se lhes affigurar definitiva sepultura, olvido pleno, o que afinal, denunciava bastante o receio d'elles pela efficacia de tantos ardis.

Contam coevos de Vieira, que abalisados homens se referiam, por vezes, ao eminente Jesuita com estes epithetos de favor desdenhoso: o conhecido prégador, o habil auctor, o estudioso padre da Companhia...

Compreende-se, pois agora melhor quanto os apavoraria o regresso do Padre Vieira. Melhor se comprehende tambem como elle era grande na sua indiferença resignada, ao ver-se doestado e pequenisado nos proprios pulpitos e por homens de tal craveira.

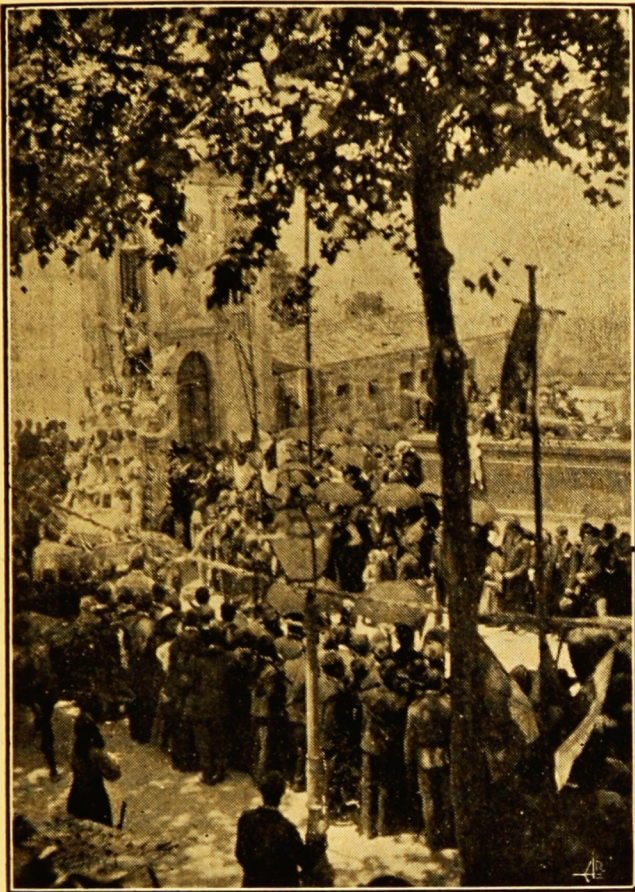
O eminente Jesuitas voltou, porém á tribuna sagrada, apezar de tudo. Foi na primeira Dominga da Quaresma. Prégou na Capella real com luzidissimo auditorio.

Thema superior—as tentações. Momento especial para o combate pela doutrina pura. E aproveitou-o brilhantemente. Mas nem um só queixume contra inimigos. A sua preocupação, e tambem a justificação honrada e nobre da sua inopinada presença, era a defeza dos Indios, e d'ella fez o assumpto principal, baseado genialmente no thema do dia.

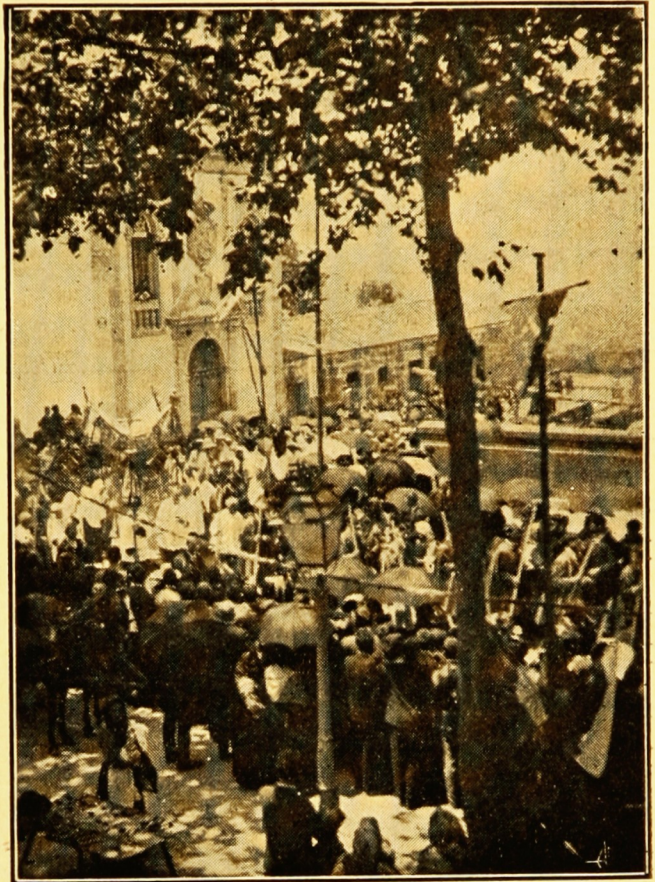
E' notabilissimo o exordio d'este sermão, em tantas coisas digno dos reptos e abundante harmonia de Marco Tullio Cicero. Mas a peroração uma clamorosa apostrophe ao monarcha, trovejando pelos seus queridos Indios, subjugou tanto o auditorio, que os maiores inimigos, succumbidos e desarmados, confessaram na confusão a nova victoria do insigne combatente.

(Continúa)

As festas da cidade em Penafiel—O Corpus Christi



A procissão—O carro triumphal conduzindo a figura da cidade



O pallio, fechando a procissão



S. Jorge no seu cavallo ajaezado passando junto da igreja das Freiras



O começo da imponente procissão.—O estado de S. Jorge passando junto da igreja das Freiras  
(Phots. de Braz F. Souza Meirelle.)



*Excursionistas do passeio realizado pelo Nucleo, ao Mosteiro de Leça do Bailio*



*Comissão do Nucleo Instructivo da União dos Empregados do Commercio do Porto, com o dr. J. de Vasconcellos*



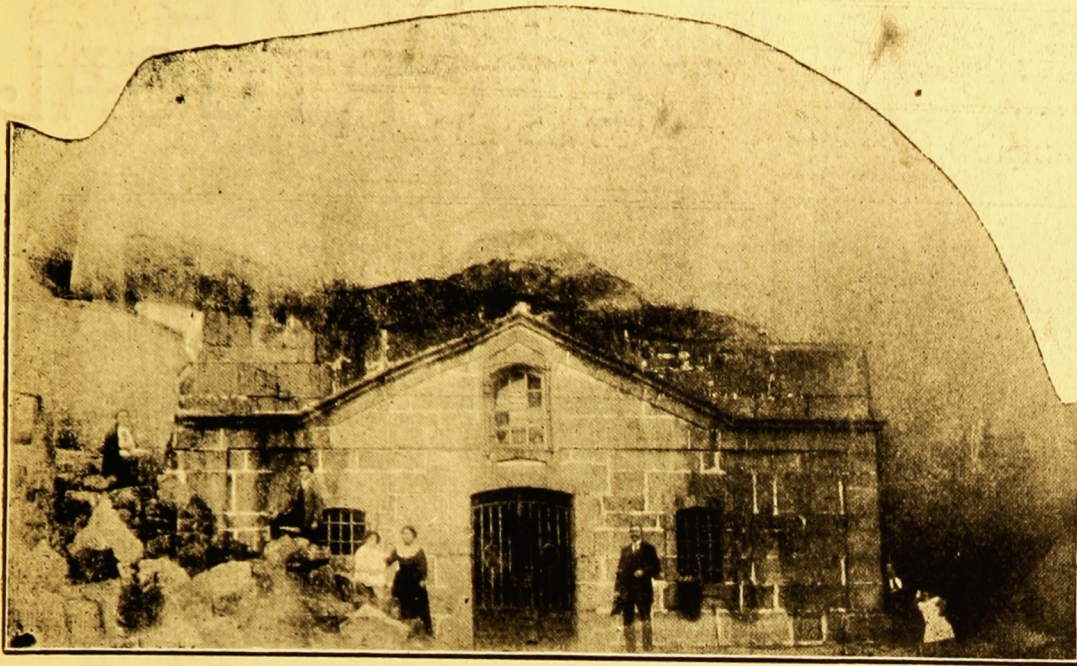
*O snr. dr. Jayme de Vasconcellos, realizando a sua conferencia no Mosteiro de Leça do Bailio*



## VIEIRA DO MINHO

1—Soutello. — Capella antiga e original de Nossa Senhora da Lapa, cuja festa se realiza todos os annos no domingo da SS. Trindade.

Esta capella é formada por um só penedo, cuja concavidade natural fórma o amplo sanctuario com côro e fonte natural



que nunca secca e pode-se fazer romaria em volta do altar, bem como exteriormente em volta do templo.

2—Vista da penedia de Nossa Senhora da Lapa. Ao fundo vê-se o penedo que fórma a capella.

3—Um aspecto da romaria.

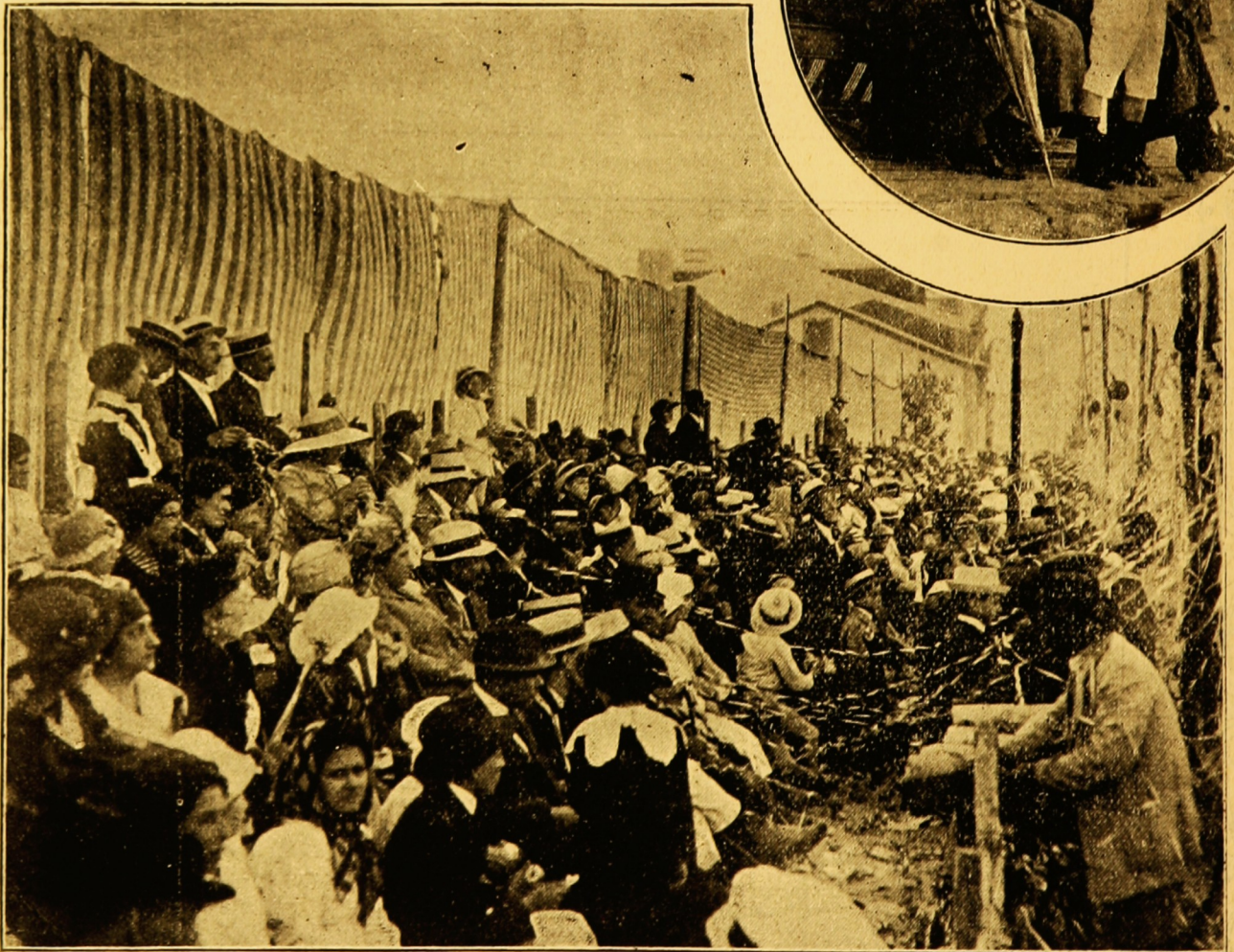


# PRAIAS DE PORTUGAL

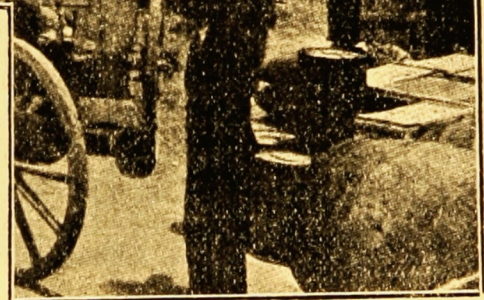
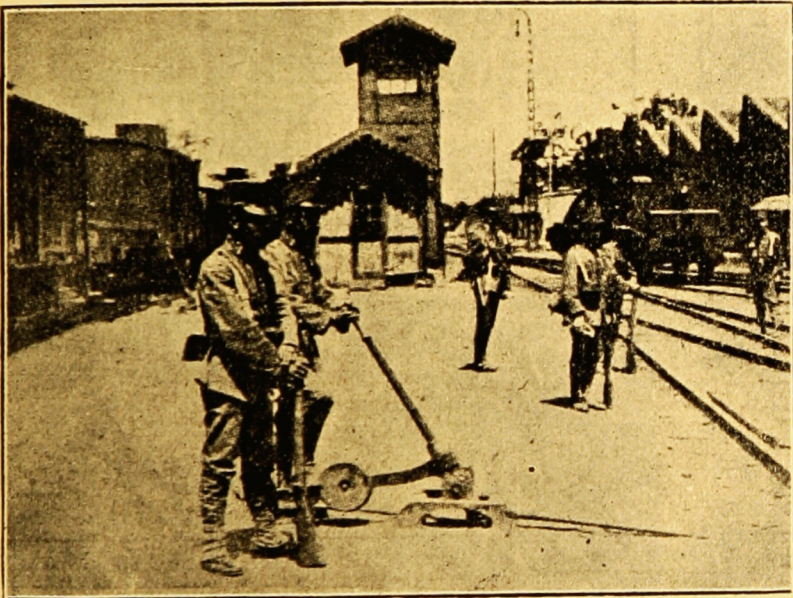
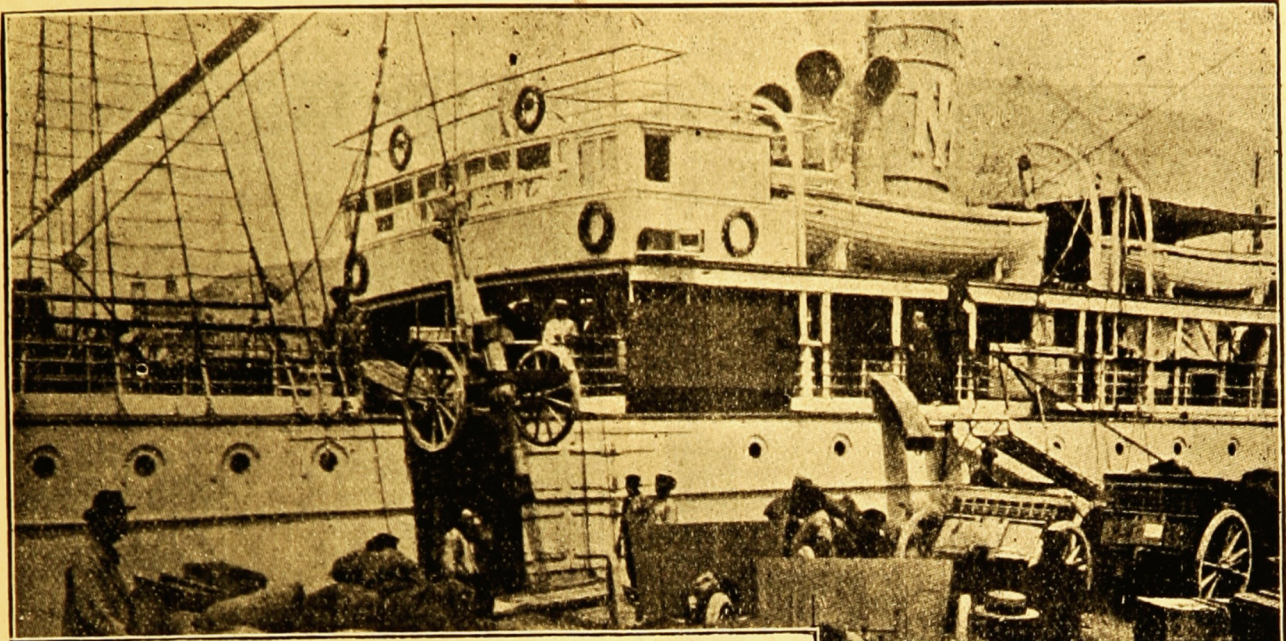
Na Povoação de Varzim



1. No baloiço.—2. A caminho da praia.—3. Apreciando e  
commentando.—4. Na batalha de flôres.



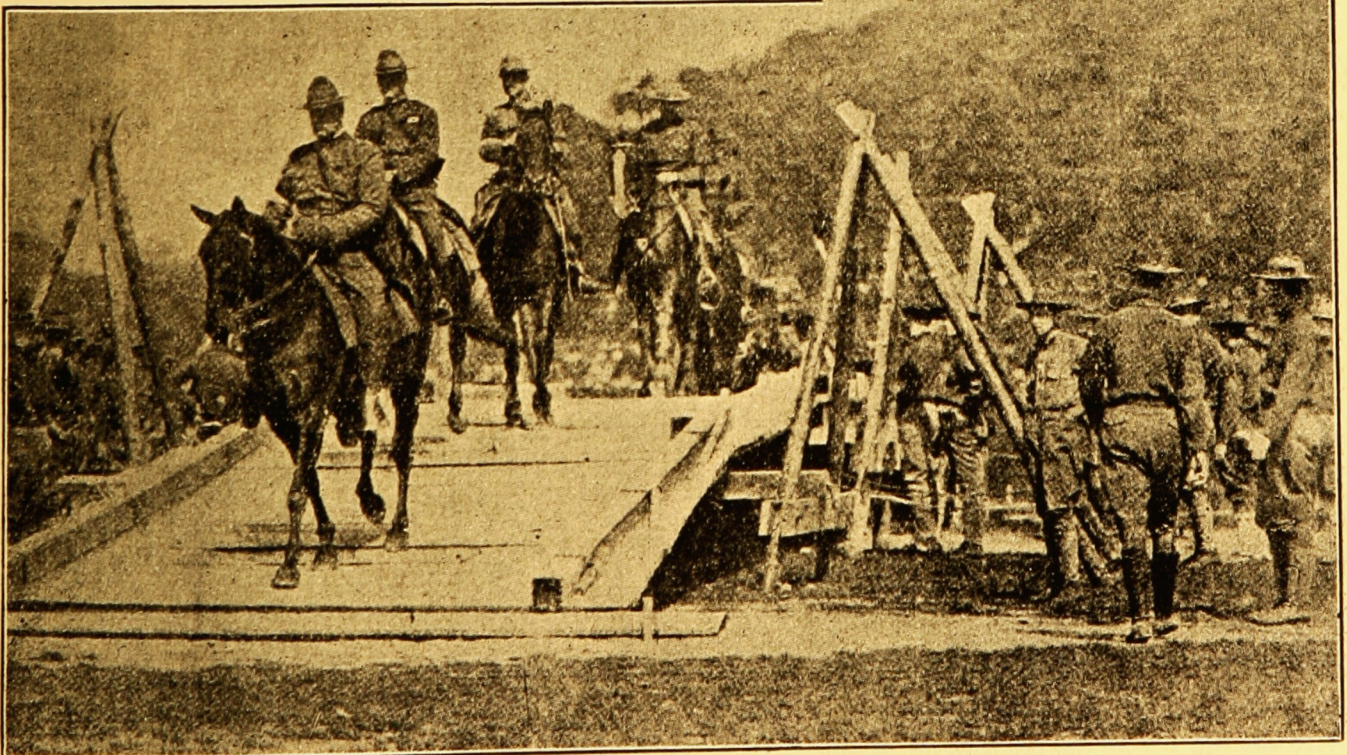
# Do Nascente ao Poente

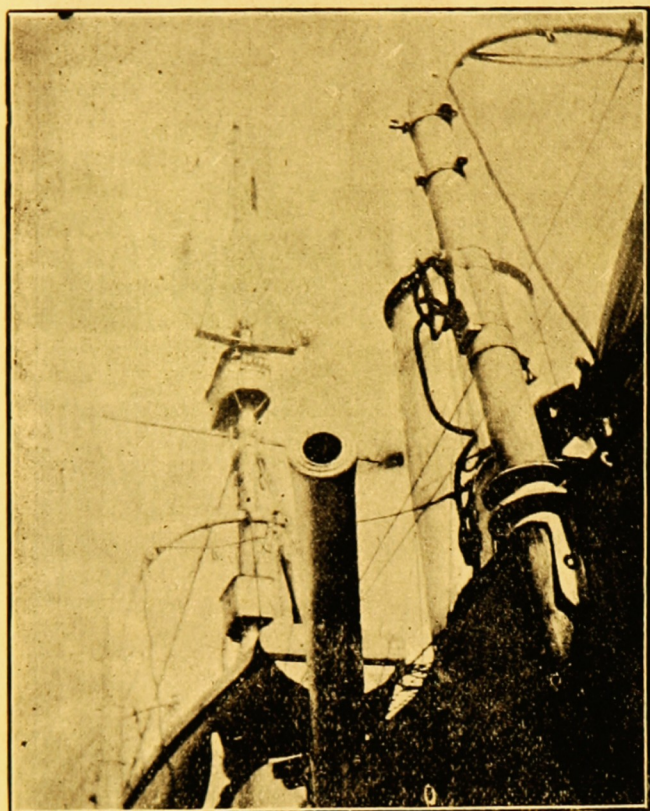


1—Hespanhn. Alicante.—Um transporte carregan canhões de 75, com destino às Baleares.

2—Grève ferroviária em Madrid. Forças de engenharia costeando a linha.

3—Conflicto Yankee-Mexicano. O general O'ryan, chefe da guarda nacional do estado de Nova York, evisitando as tropas.





*Um canhão de grande calibre a bordo d'um vaso de guerra inglez*



*Marinheiros com mascaras protectoras com os gazes asfixiantes, a bordo d'um navio de guerra*



*Um comboyo de prisioneiros allemães passando por um acampamento inglez*

# Em Mezão Frio—Uma encantadora festa

Na capella particular da illustre casa da Picóta, em Mezão Frio, propriedade da ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Pereira de Vasconcellos de Souza e Menezes—illustre dama que, n'aquella villa, mercê da bondade extrema do seu coração e alevantadas virtudes, vive cercada de geraes respeitos—, realisou-se, no dia 20 do mez findo, uma linda festa, que deixou perduraveis impressões em toda a numerosa e distincta assistencia. Foi a installação da Eucharistia: vehemente desejo, desde ha muito, d'aquella bondosa senhora e de seus respeitaveis filhos, snrs. Conde de Leiria e Vasco d'Azeredo.

O venerando prelado da diocese, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> D. Francisco, Bispo de Lamego, querendo honrar a illustre familia e testemunhar-lhe o alto apreço em que a tem, dignou se vir expressamente do seu paço celebrar o santo sacrificio da missa á capella da Picóta, installando n'essa occasião o Santissimo Sacramento, que assim ficou de portas a dentro de tão nóbre casa a proteger e abençoar os seus dónos.

S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, que se encontrava acompanhado de todo o clero do concelho, proferiu



D. Maria do Carmo Pereira de Vasconcellos de Souza e Menezes

em seguida uma locante allocução, subordinada ao thema do evangelho *Deus charitas est*, que todos os assistentes ouviram com o maior respeito e fervor. E, para coroar tão encantadora festa, ministrou o sacramento da Confirmação a grande numero de fieis.

Foi, na sua singeleza, pelo seu alto significado, uma festa commovente, que, no livro d'ouro em que a illustre familia Azeredo regista os seus factos gloriosos, fica, certamente, sendo a pagina mais bella.

O nobre prelado, que se hospedou na casa da Picóta, onde lhe foram tributadas todas as honras devidas á sua elevada gerarchia, retirou para Lamego ás 11 horas da noite, tendo occasião de verificar, nas breves horas passadas em Mezão-Frio, como a população d'esta villa o reverencia e respeita:— ao atravessar as ruas da villa, á sua chegada, quasi todas as janellas se encontravam cobertas de colgaduras, e, em casa dos seus illustres hospedeiros, recebeu os cumprimentos das primeiras individualidades da terra.

O culto catholico em tão distincta familia não esmorece: parece que com o decorrer dos annos mais se avigora.

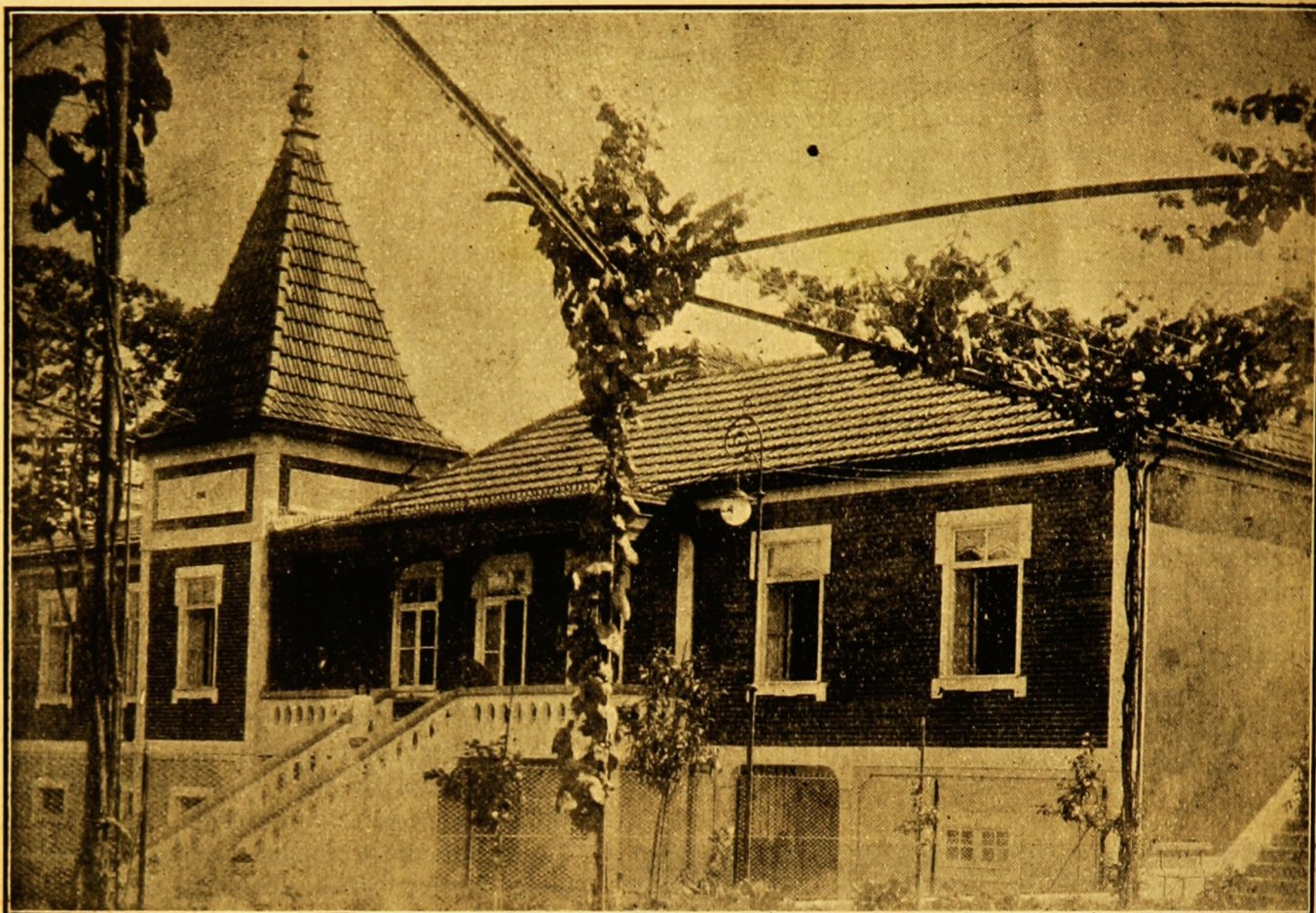
Ainda ha pouco, durante o mez de maio, se realizou na capella da casa o exercicio da devoção a Maria Santissima, com lindos acompanhamentos de côros por um grupo de gentis senhoras, as Ex.<sup>mas</sup> D. Izaura d'Alpoim, D. Eugenia de Souza Metello, D. Maria da Assumpção e D. Gabriella da Paixão Metello, e musica pela Ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> Condessa de Leiria, sendo esta devoção entremeada, aos domingos, por conferencias, effectuadas por abalisados sacerdotes. N'uma d'ellas ouviu-se a eloquente voz do notavel orador sagrado Conego Correia Pinto, cuja palavra



Meninos Alexandre e Maria Amelia d'Azeredo Pereira de Vasconcellos, filhos dos ex.<sup>mos</sup> condes de Leiria, que, no dia 22 do mez findo, tomaram parte na procissão de Corpus-Christi, em Mezão-Frio, significando o Coração de Jesus e a Virgem de Lourdes.

inspirada ainda deve perdurar em quantos a escutaram, tal foi o encanto da sua primorosa oração, pela doutrina que d'ella emanou, pela erudição com que a esmaltou, e pela forma litteraria de que a revestiu.

Honra, pois. aos respeitaveis fidalgos, que, ao mesmo tempo que praticam o bem como a Deus mais apraz, não descutam o culto divino, continuando assim as altas licções que antepassados illustres lhes legaram.



Braga—Vivenda do snr. José Maria de Lima S, Romão, na freguezia de Ferreiros



Ao toque das Avê-Marias



A gentil menina Maria da Conceição Alarcão, que com a idade de 6 annos fez a sua primeira communhão com o conhecimento completo da doutrina christã



A capella da Consolação, situada no terrado da casa. A' porta, a esposa do Snr. D. João d'Alarcão, D. Maria da Conceição de Castro



Grupo de creanças da primeira communhão, e o seu educador, Padre Manuel A. Fonseca Pinto e Gama, capellão da Casa



Grupo das creanças da primeira communhão

## Montemór-o-Velho

Correu com muito brilhantismo a festa das creanças da primeira communhão, que teve logar na elegante capella particular da casa do Snr. D. João d'Alarcão Velasques Osorio, em Montemór-o-Velho.

Pelas 7 horas da manhã houve a cerimonia da communhão das creanças e missa solemne. Seguiu-se o substancioso almoço das creanças offerecido pelo illustre fidalgo. A' tarde houve o Te-Deum aonde teve o dom da palavra o illustre capellão da casa Alarcão.



Uma communhão em S. Christovão—Sinfães.—Grupo de creanças e educandas, vendo-se o antiquissimo portico da igreja



Passagem da procissão pelo Casal

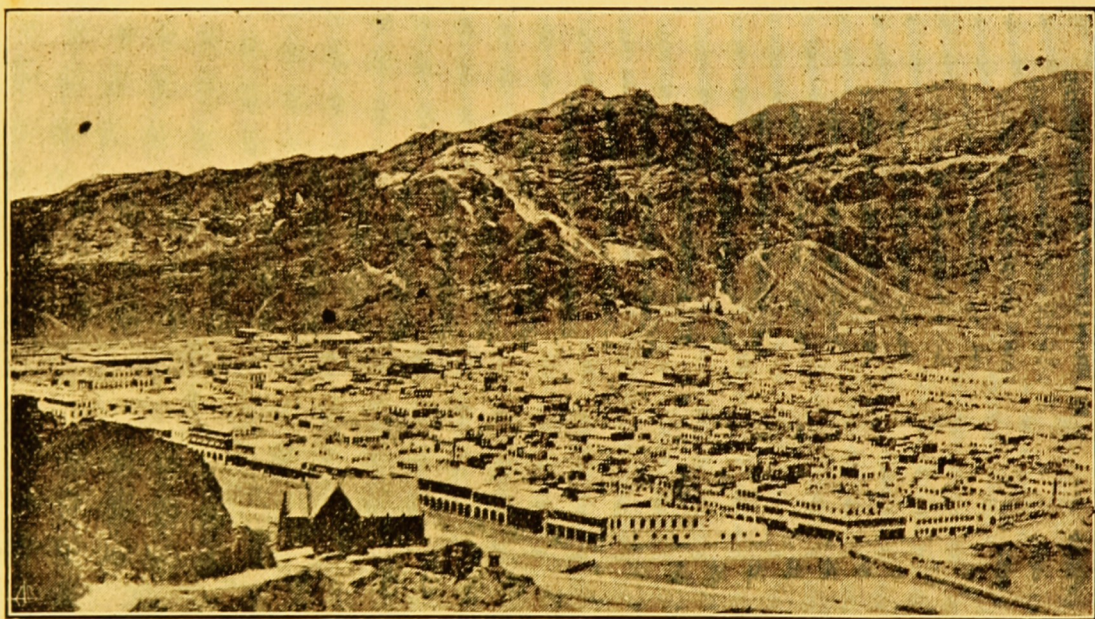
# ADEN

POR EDUARDO DE NORONHA.

## Os portugueses

A situação geographica de Aden tornara-a cubiçada desde a mais remota antiguidade. Conheceu-a Periplus, conquistaram-na os romanos. Não existe ali, como já dissemos, agua potavel. Só se bebe e aproveita para as varias necessidades a que raras vezes se despenha das nuvens, de apparição tão demorada, que assignala períodos chronologicos e a do mar distilada pelos apparatus mais aperfeiçoados. A maravilha da requemada cidade consiste nas suas famosas e monumentaes cisternas. Quem as construiu? Os egypcios, os gregos, os romanos? Não concordam n'essa parte, como em muitas outras, os chronistas. O que se sabe ao certo é que a sua reparação a effectuaram os inglezes e que no concerto dispenderam quantias fabulosas.

A cidade experimentou alternativas de prosperidade e decadencia. Do seculo XI ao XVI serve de florescente entreposto ao commercio do Oriente com o Occidente. Depois, a descoberta do caminho marítimo da India pelos portugueses, que doçram o cabo da Boa Esperança, expolia-a da sua maior importancia. Decorrem trez seculos, Lesseps realiza o sonho dos Pharaós e executa os planos de Affonso de Albuquerque abrindo o canal de Suez, a frequencia da navegação volta e com ella a preterita riqueza e a correspondente opulencia.



Vista geral da cidade de Aden

Enche-se o forasteiro de coragem, e depois de se metter debaixo do alpendre do Hotel Europa, n'um carrito leve e desairoso, dispõe-se a arrostar com o pavoroso ambiente de fogo e subir até a parte alta, rodeada sempre pelas muralhas lisnadas que se erguem em alcantis difficeis de escalar mesmo para os ávidos e satanicos vampiros da mythologia scandinava.

Logo adiante, n'um resumido *square*, onde a teimosia britannica mantem artificiosamente meia duzia de mirrados arbustos em torno de um coreto, um jardineiro atira com contadas e preciosas gotas d'agua, dando a si proprio a illusão, tão cara ao orgulho e prosapia da Gran-Bretanha, que, com o rodar dos annos, algumas centenas, ha de ali vicejar um jardim.

Vista lá de cima a rasa, a rasteira cidade como que se cose ainda mais com o afogueado solo, receosa de que os tostados penhascos desabem sobre ella. E do alto, com a vista a espraiar-se meio cega pela poeira luminosa e inquieta que paira sobre a ondulação, tarda, cheia de preguiça, do estreito, que se pasma dos vôos de condôr da concepção e previsão d'esse extraordinario homem, grande entre os grandes da Historia, que



se chamou Affonso de Albuquerque. Ninguem o excedeu no genio militar e de organisação e bem poucos o igualaram.

Em 1513 acaudilhava a cidade de Aden o emir Amrjan, em substituição do xeque Hamid, ausente por qualquer motivo. A 7 de fevereiro d'esse anno Affonso de Albuquerque veleja de Goa com mil setecentos portuguezes e mil indus, transportados em vinte e quatro embarcações. Deixa de guarnição á cidade cerca de quatrocentos soldados, e em Cochim e Cananor cento e sessenta. Os effectivos das mais audaciosas expedições são de uma exiguidade ridicula. Custa a acreditar nas façanhas praticadas. O alvo d'esta jornada consiste na exploração do mar Vermelho, aniquillar as disposições dos egypcios para uma nova acommettida á India, desbravar a via que deve conduzir ao Prestes João, projecto contumaz de ha muito debatido no espirito dos governantes desde D. João I para cá.

Aden, não obstante toda a confrangente aridez da sua condição, constituirá se, senão em emporio, pelo menos em ponto obrigado de visita, em concorrido local de transbordo e permuta das mercadorias originarias do Indostão. A principio os nossos apoderaram-se de Socotorá, mas breve se convenceram que a verdadeira cancella do Mar Vermelho era a calcinada ponta da Arabia e não a mais distante ilha, esculca do cabo Guardafui e atalaya avançado do golpho. Dispuzeram-se, sem demora a rectificar o erro.

A esquadra do inclito capitão abastece-se de agua em Socotorá e singra com rumo a Aden, onde surge a 25 de março. Os arabes aprestam-se para a receber condignamente. O *terribil* dirige todos os preparativos, mas d'esta vez Mafoma lucta vantajosamente.

As contrariedades succedem-se. No ataque do dia immediato a polvora, ao desembarcar, ensopa-se; ao encostarem-se as escadas ás muralhas, na furia de um assalto desesperado, verifica-se que são curtas e ainda, para cumulo do infortunio, ao subir a gente n'um arranco de denodo, por fracas, quebraram-se e inutilizam todo o esforço. Rugem os assaltantes, cofia as barbas de sobrecenho carregado e torvo o vencedor de tantos prelios. Recuar é verbo que os portuguezes não sabem conjugar no Oriente. Escalem as muralhas, após diligencias leoninas, cincoenta dos mais porfiosos e intrepidos. Os crentes de Mahomet acodem em alude irrepresavel. São milhares. No espaço, escassissimo, só relampejam yatagans, fuzilam espadas, borbota o sangue e arquejam moribundos. O sol dardeja implacaveis raios que incendeiam as couraças e cotas de malha, que arrancam faiscas dos bacinetes em labaredas, que tornam flammejantes de chispas diamantinas, as laminas transformadas em facetas de gemmas limpidamente preciosas. Nada podem os atacantes contra tão numerosa e mortifera pressão.

O assalto mallogra-se. Albuquerque cofiando sereno a barba, e com os olhos mais rutilos que os lampejos de uma cimitarra de Damasco, manda recolher os seus *cordeiros*, que choram de raiva e de vergonha, ás caravelas, aos patamarins, ás caracas, aos seus transportes. D'este *reconhecimento* resalta para o caudilho portuguez a convicção de que não dispõe de forças sufficientes para empreza tão ardua, como é tomar essa cidade, onde aos recursos naturaes e a um clima enervante se allia a accumulção de todos os elementos de defeza conhecidos da época. Levanta ferro. Abica ao Mar Vermelho. A *Santa Maria da Serra*, nau em que embarca, d'alli a algumas milhas, encalha.

Vê-se perdido. Salva-o a fé n'uma promessa, depois religiosamente cumprida. E, devido a esse transe angustioso que edifica mais tarde, em Gôa, a igreja de Nossa Senhora da Serra, onde descança o que resta do individuo de tão sublime alma. Vara Gebel Iukr, prosegue até Camarão, ilha de insignificante valor, dominio do iman de Sanná. Procede alli á aguada. Muda rumo com prôa a Jeddá. Ronda o vento e contraria-lhe a derrota. Paira em quadrantes varios até fins de maio, arrepia caminho de regresso a Camarão e demora-se até á primeira quinzena de julho. A videncia das fainas, o alimento parco e deteriorado, os calores insupportaveis, os combates renhidos prostram-lhe as guarnições. Amortalhados nas areias do littoral ou cobertas pelo lençol de laivos escarlates do Mar Vermelho, ficam-lhe mais de quinhentos companheiros.

Precisa communicar a occorrença a D. Manuel. Salta em terra Fernão Dias, homem de armas, e por terra, atravez de mil obstaculos e riscos, chega a Portugal com a mensagem.

Que braço ou que embaraço defêm um portuguez?!



- Mas para que bebes tanto ?
- Para afogar as minhas maguas.
- E consegue-lo ? ...
- Não, porque ellas sabem nadar !

Obras religiosas  
de José Agostinho

**O Jardim da alma**—encad. 300 reis.

**Historia Sagrada do antigo e novo  
testamento**—encad. 200 reis.

**A vida de S. Francisco de Sales**—br.  
00 reis.

**A vida de Santa Thereza**—br. 200 reis.

**O Evangelho**—Encad. 400 reis.

**Mez de Junho**—br. 100 reis.

**Flores Religiosas**—Mez de janeiro 100 reis.

**A Religião e a arte**—100 reis.

**Deus provado pela sciencia**—100 reis.

**A Escola Sem Deus**—50 reis.

**A Fé Religiosa e o Povo** 50 reis.

Todos estes livros estão approvados pelo Snr. D. Antonio, Bispo do Porto.

**Livraria Figueirinhas**

75—Rua das Oliveiras—PORTO. (1896)

Frigideiras e Restaurante  
**CASA DO CANTINHO**



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

**MANUAL DAS FILHAS DE MARIA** (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

**MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA**

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

**Arte e Religião**

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, lhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Fereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Hotel e restaurante

Garrido

VIZELLA

Este afamado hotel está situado no centro da povoação e muito perto do estabelecimento dos banhos.

Bom e limpo serviço de mesa, quartos arejados e luxuosos. Seriedade em todos os seus contractos. (80)

Dirigir ao proprietario

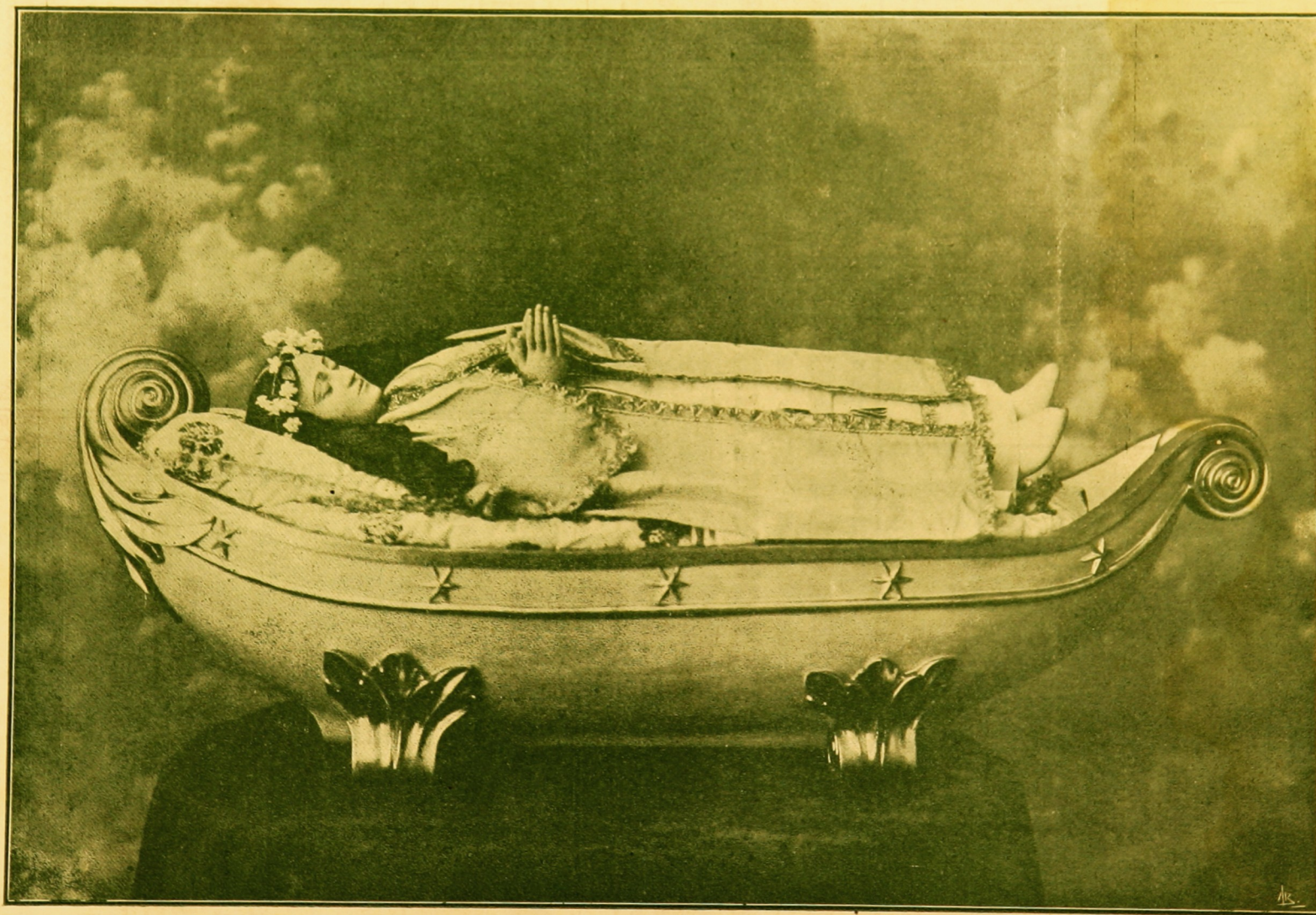
José Garrido Vasques

PARAMENTOS

**X OS MAIS BEM MONTADOS ATELIERS X**  
Officina de Esculptura Religiosa em madeira, pintura, dourado e encarnação

IMAGENS

*A  
casa  
mais  
com-  
ple-  
ta no  
seu  
genero  
em  
Portu-  
gal.*



*Mo-  
delo  
das  
suas  
conge-  
neres.  
Faça-  
se um  
con-  
fronto.*

ALFAIAS

**XX O PRIMEIRO CATALOGO ILLUSTRADO XX**  
ENDEREÇO TELEGRAPHICO — *Fabriculto - Porto.*

MOBILIARIO